

# suplemento CULTURAL

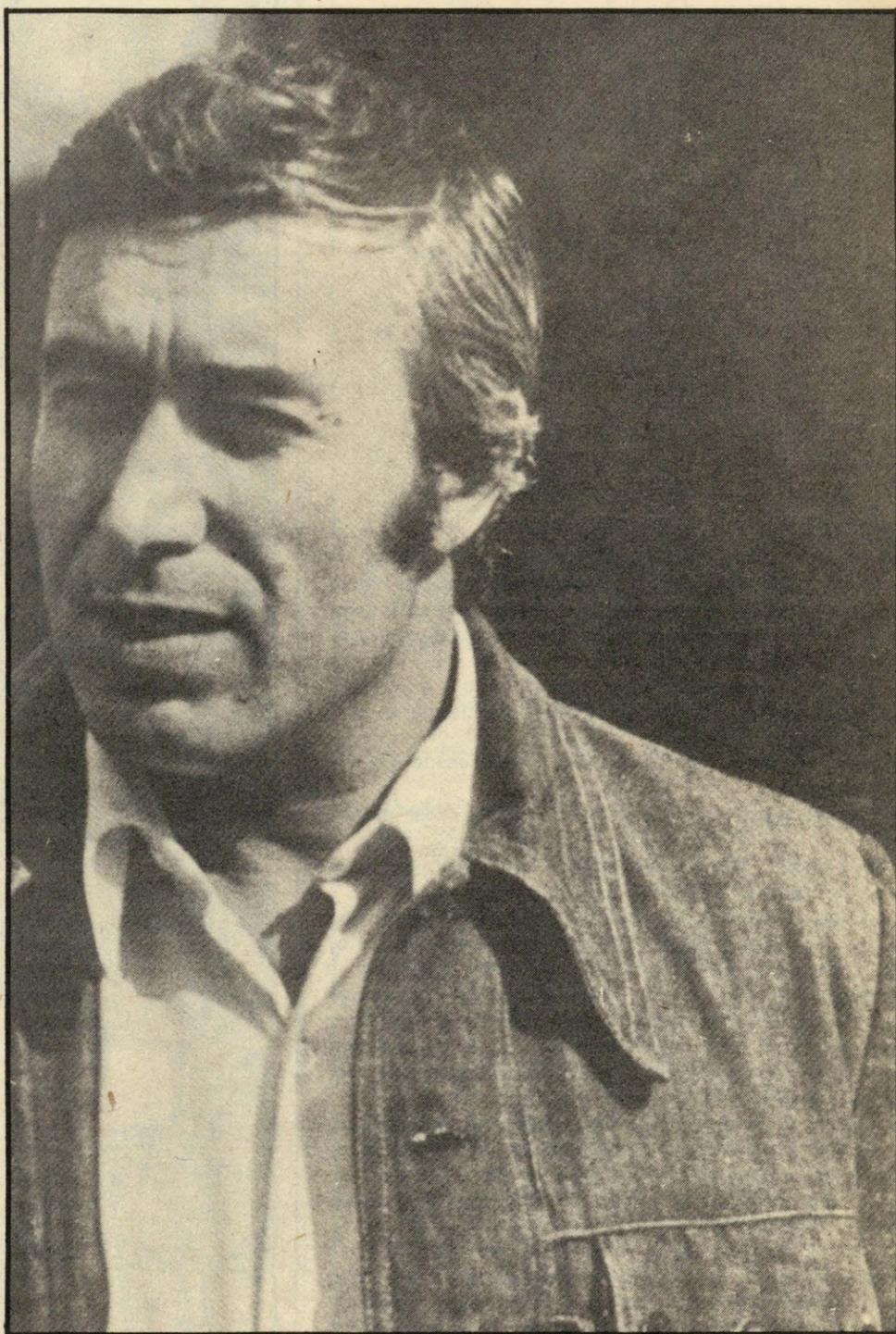
o diário □ 27/6/82

## A poesia brasileira

(...) Os modernistas ou seja a vanguarda que irrompe para os anos vinte, é forçosamente mais conhecida e apreciada; o primeiro no tempo, Manuel Bandeira, autor de um madrigal melancólico cujo título não traduz a carga de ironia e ânsia de renovação que encerra, do rítmico Vou-me embora para Pasárgada...

Luís Surdiaz

□ Págs. 10/11



## ■ O MOMENTO DA VERDADE

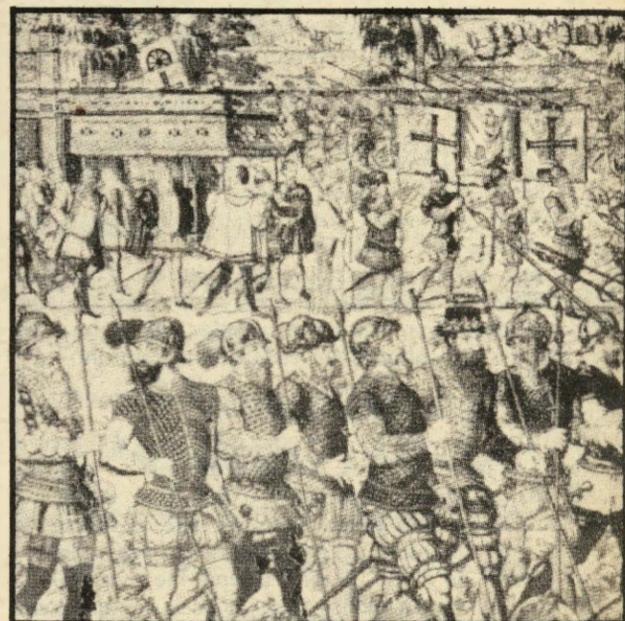
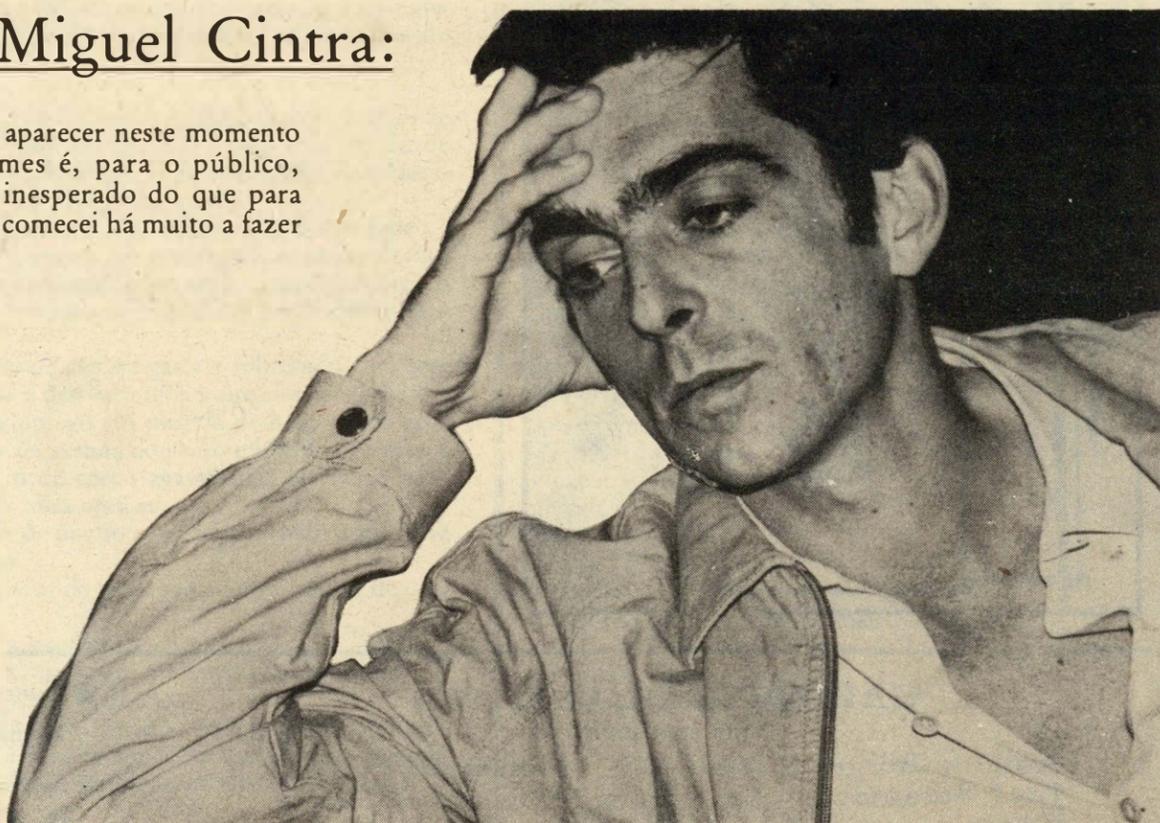
O mundo do "Dinossauro" de José Cardoso Pires ou a vera efígie do fascismo português

Alexandre Pinheiro Torres

■ Págs. 8 e 9

## Luís Miguel Cintra:

«O facto de aparecer neste momento em dois filmes é, para o público, muito mais inesperado do que para mim, que já comecei há muito a fazer cinema»



Henrique da Mota e a sua carta de armas

Albertino Crespo

□ Págs. 6/7

■ Pág. 5

# O mundo do «dinossauro» de José Cardoso Pires ou a vera efígie do fascismo português

Alexandre Pinheiro Torres

“Dinossauro Excelentíssimo” de José Cardoso Pires desapareceu da sua bibliografia como obra independente. Sou dos que opina que incluir esse texto particularíssimo no livro *O Burro em Pé* não terá sido uma ideia muito feliz. Seja como for, “Dinossauro Excelentíssimo” é de leitura ainda urgente, ou cada vez mais urgente. Apresento, a seguir, em tradução portuguesa o texto que acompanha a versão alemã daquela grande sátira de Cardoso Pires, no qual tentei

explicar aos leitores da República Democrática Alemã, factos e eventos básicos da História do Fascismo Português, esse Fascismo cuja existência como tal é agora negado por alguns “doutores”, de mala aviada para mais altos voos no mundo das conveniências e be-nesses fáceis. Que continua a havê-las, como sempre as houve, para os “sacristas” bem comportados, especialmente quando oficiam aos Mortos. Ei-los a puxá-los pelos braços, da terra negra onde apodrecem, e a tentar limpar-lhes a sujidade ainda da cor do sangue, operadores-mestres da Cirurgia do Eufemismo.

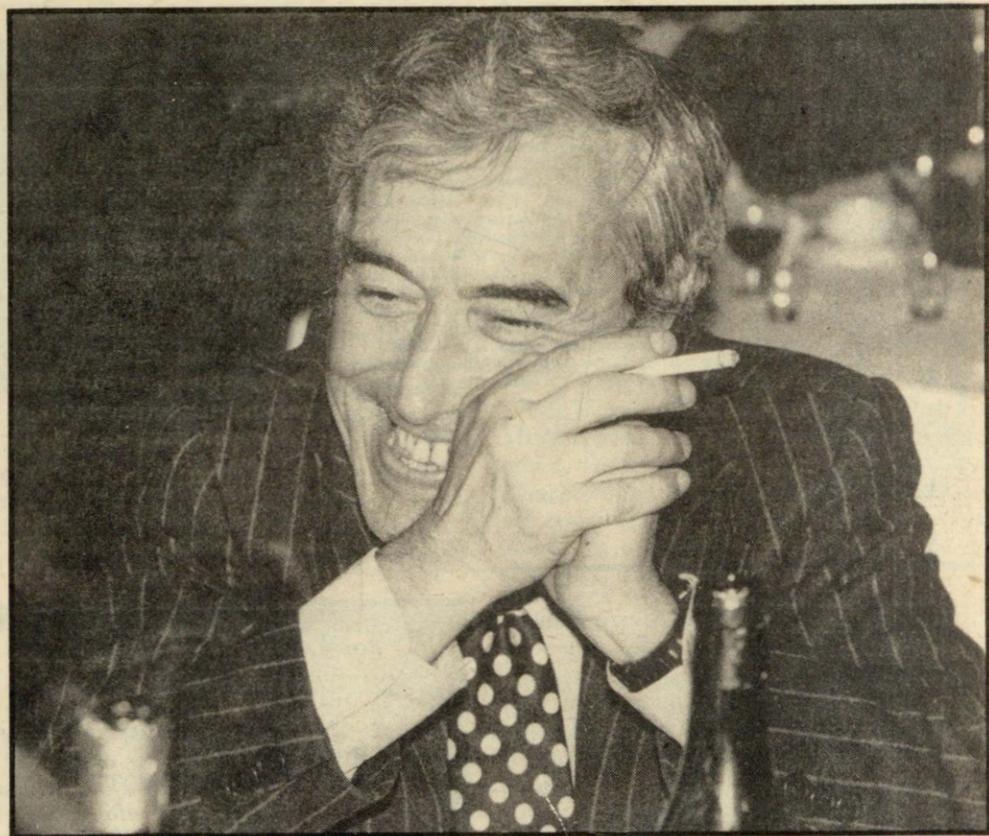
## 1.<sup>a</sup> parte: Do nascimento em Belém – Santa Comba até Menino entre os Doutores

Convém desvendar, sem demora, que *Dinossauro Excelentíssimo* é uma biografia caricatural de António de Oliveira Salazar, ou simplesmente Salazar, que governou Portugal desde 5 de Julho de 1932 até 27 de Setembro de 1968, 36 anos e 84 dias, o ditador que mais tempo regeu, com mão de ferro, os destinos de um povo. O facto é tão extraordinário que se encontra registado no *Guinness Book of Records*, publicado na Grã-Bretanha. É o único record de que Portugal se pode gabar nos tempos modernos. Durante o mesmo período, em mais de meia dúzia de Jogos Olímpicos, não conseguiram os representantes portugueses nem uma única medalha de ouro!

Há um outro record, todavia, que o *Guinness Book* não regista. É que Portugal é o país do mundo onde mais tempo se encontrou instalada uma ditadura fascista: desde 28 de Maio de 1926 até 25 de Abril de 1974. Quase meio século de opressão do povo trabalhador, feroz exploração capitalista, miséria da esmagada

dora maioria a favor de uma pequena maioria de monopolistas da indústria. 25 de Abril de 1974, com a Revolução dos Capitães, abriu novas perspectivas, e acordou no povo novas esperanças, que atingiram o seu ponto mais alto, em 1975, durante o V Governo Provisório, sob a égide do general Vasco Gonçalves. Mas este acabou por ser derrubado pelo complot social-democrata de 25 de Novembro de 1975, de inspiração burguesa-liberal, segundo o molde das democracias capitalistas do mundo ocidental. Este volte-face, a que estamos a assistir, em progressão involutiva que se acentua dia-a-dia, tem tido como objectivo único roubar-se ao povo as poucas conquistas que ele conseguira durante o chamado período gonçalvista.

José Cardoso Pires, escritor português nascido em 1925, autor de vários romances de alta qualidade, pretende em *Dinossauro* retratar a figura do Ditador que, após um colapso no dia 28 de Setembro de 1968, entrou em estado de coma, de que foi salvo, à custa de estenuantes esforços de médicos vindos de todo o mundo. Salvo da morte, continuou, porém, como se estivesse morto. O Presidente da República, o almirante Américo Tomaz, figura decorativa, logo nomeia Marcelo Caetano, como substituto de Salazar. Este último, todavia, não é despojado da sua função, pelo que se dá a circunstância curiosa de haver no País dois Primeiros-Ministros. Um, semi-morto, inconsciente, de cadeira de rodas, con-



vencido, na sua paralisia parcial, de que continua a reger os destinos da nação. Não há ninguém que tenha a coragem de lhe revelar que ele já foi substituído. Fazem-se impossíveis para que, mesmo na sua semi-inconsciência de homem afectado por um derramamento cerebral, não se aperceba de que já há outro Primeiro-Ministro, Caetano, que é quem realmente manda.

Para que o velho Ditador continue a viver o seu sonho de regente supremo da nação portuguesa dão-lhe a ler jornais especialmente preparados, adaptam-lhe o aparelho de TV de tal maneira a ele poder receber um programa em circuito fechado em que se vê a discursar, a dirigir cerimónias, etc., filmes já antigos, mas aos quais, agora, não consegue descobrir a inactualidade. Sabe-se que não pode durar muito. Para quê desiludi-lo do culto-de-si-mesmo? Entretanto Caetano governa e continua a tyrannizar.

É esta circunstância espantosa, quase do domínio da science-fiction, que Cardoso Pires explora no final do seu livro. Apresenta-nos os velhos conselheiros, já reformados, em assembleias-fantoche cori o velho Ditador, e, depois, a situação, do domínio do puro grotesco, quase surrealista, de tais velhos apresentarem relatórios dessas reuniões com o quase-cadáver-Salazar, autêntico fóssil vivo, aos verdadeiros conselheiros que começam a alar-mar-se com o facto de não lhe chegar mesmo a autêntica e definitiva morte física para que se acabe com a comédia. A encenação tem, porém, de durar até princípios de Julho de 1970 quando Salazar sofre novo derramamento cerebral, e morre de vez, para alívio do mundo.

A realidade, como se vê, é já caricatural. Cardoso Pires não tem, com efeito, de inventar situações novas. Os acontecimentos são em si mesmo farsa pura. Encontrámo-nos em pleno domínio da bufonaria. Salazar é um histrião que se desconhece, rodeado de bobos, num universo burlesco. E esta é a grande tragédia de

Portugal que marca de características únicas a literatura satírica lusitana, desde as suas origens. Na verdade, nas nossas primeiras sátiras, em verso, as chamadas cantigas de escárneo e de mal-dizer, que datam do Século XII, não há situações inventadas. O real é já de si próprio suficientemente caricato. Por isso a graça portuguesa o humor dos escritos sarcásticos, raras vezes é subtil. Os escritos poéticos do Séc. XV são caracterizados por uma narrativa factuál, indistinguível da caricatura. O trágico é que não se trata de caricatura. Os poetas defrontam-se com um real, que a ser descrito com um mínimo de veracidade ou de objectivismo, transforma-se, imediatamente, no plano literário em burlesco no seu estado mais puro. E, ao longo da História da Literatura Portuguesa, os exemplos multiplicam-se. Simplesmente, não há situações de comédia na vida de um povo que não impliquem um pano de fundo trágico. A grande burla do Fascismo, no seu aparato teatral e cómico, edifica-se à custa de muitas lágrimas e sofrimentos. Outros ditadores fascistas como Adolfo Hitler ou Benito Mussolini são profundamente cómicos, como demonstrou Charles Chaplin. Quando vemos os filmes-documentários dos ditadores alemão e italiano, nas suas paradas e discursos (e nestes não há a mão de Chaplin), mesmo assim não paramos de rir. O universo que neles se nos representa tem o imprevisto e a inverosimilhança do verdadeiro cómico. Mas esta comédia foi a tragédia da Europa moderna.

Cardoso Pires tem bem a consciência disto quando na Parte primeira do livro, no segundo parágrafo do capítulo “O homem que veio do nada”, ao caracterizar Salazar não o distingue doutros ditadores fascistas, Francisco é Franco, Adolfo é Adolfo Hitler, a que chama Adolfo Hirto, e hirto em português, significa direito, empertigado, orgulhoso, insolente, rígido, erecto, inteiriçado, etc., Benito Marcolino é uma forma pejorativa de referir Musso-



lini, Zé Fulgêncio é o Baptista de Cuba, Sebastião Desejado é o nome do rei de Portugal que, pela sua ambição imperialista, conduziu os portugueses, em 1572, a uma derrota humilhante em Alcácer-Quibir (Marrocos), perante os árabes, origem da perda da independência portuguesa durante sessenta anos (1580-1640).

A associação destes nomes não é, pois, ocasional ou caprichosa. D. Sebastião era um louco dementado como os ditadores fascistas do Séc. XX. Iguais causas dão origem a idênticas consequências.

A estes nomes, Cardoso Pires associa ainda o título de Imperador. Todos eles sonham Impérios, como Alexandre Magno ou Júlio César, ou os Reis Católicos de Espanha, ou o já citado D. Sebastião de Portugal, ou Napoleão, ou a Rainha Vitória de Inglaterra. Mas já não é possível sonhar Impérios. Só alguém como que ressuscitado de tempos ancestrais no mundo moderno. Cardoso Pires recua-o para a era pré-histórica em que os dinossauros dominavam o globo terrestre. Aquele que se quer Imperador será, portanto, o *Dinossaurus Imperator*.

Em "O homem que veio do nada", parte primeira do livro, satiriza Cardoso Pires o nascimento, infância e adolescência de Salazar. O futuro Dinossaurus português, perfeito protótipo de outros Dinossaurus que acreditam ser possível ressuscitar o Passado, nasceu, com efeito, de uma família de camponeses, sem meios para dar ao seu descendente uma educação que fosse para além dos três ou quatro anos de instrução primária, gratuita nas escolas do Estado. Aqui parava todo o processo educativo para noventa e oito por cento da população: os restantes dois por cento, das camadas burguesas, poderiam ter acesso ao ensino secundário, que nunca foi gratuito, estando, por conseguinte, fora do alcance da esmagadora maioria das bolsas. E à Universidade só chegavam os filhos dos burgueses, mais ou menos bem instalados, com raríssimas excepções. De modo que a família Salazar lançou mão do único recurso possível para se tornar uma destas excepções: fez entrar o excelentíssimo herdeiro num Seminário católico que facultava ensino grátis aos desprotegidos da fortuna. A carreira clerical era, assim, uma saída de conveniência para aqueles jovens que desejando libertar-se da escravatura da terra, encontravam no sacerdócio garantia suficiente de vida segura, próspera, prestigiosa e abastada. Muitos, porém, às vésperas de receber ordens, abandonavam o Seminário, aproveitando-se assim, sem lucro para a Igreja, de um ensino que lhe fora facultado gratuitamente.

Foi o que fez Salazar. Nesta altura a família arranja meios de o mandar estudar leis na Faculdade de Direito de Coimbra. O que Cardoso Pires nos mostra é uma versão satírica destes factos: o "menino" nascido para grandes destinos, num berço humilde, como Jesus Cristo, sobre o qual se debruçam aqueles que lhe querem reger o destino: o "regeador" idólatra de fardas, marchas, tambores, e certamente também impérios; a "Dona Madrinha", beata típica da província portuguesa, verdadeira rata de igreja que o quer para padre; e o "Prior" que entende que a coisa mais importante do mundo é estudar leis, porque "é com leis que se chamam homens à tropa e é com leis que se nomeiam generais".

A partida para Coimbra é uma paródia bem clara da fuga de Jesus, Maria e José para o Egipto. O simile tem a sua razão. Quando Salazar chega ao Poder em 1932 ele será chamado o Salvador da Pátria, o Messias de Portugal. Cardoso Pires não resiste à tentação de estabelecer um paralelo entre as duas "fugas". Porque este camponês deixa para trás os outros camponeses. Acredita que é excepcional. Acredita numa solução individualista do mundo. Que cada um se salve como puder! Que cada um se promova dentro

da classe esquecendo os seus iguais! Mas a promoção de um não implica a promoção dos irmãos de desgraça. E Salazar não se vai promover para um dia se lembrar do meio humilde donde veio e tentar libertar o mundo dos explorados das mãos dos exploradores. Pelo contrário, esquecerá por completo a sua origem. Aliar-se-á aos opressores, como que odiando tudo aquilo que lhe faça lembrar o mundo de fome, humilhações e privações, donde saiu.

Cardoso Pires lança mão de processos curiosos: a camioneta onde viaja como que se transforma no burro em que Maria e Jesus iam sentados, guiados por José, segundo a mitologia cristã. Mas o termo da viagem em *Dinossaurus Excelentíssimo* é Coimbra, a Universidade mais antiga de Portugal, a Heidelberg portuguesa, donde saíram sempre os "doutores" que governaram o País. Universidade profundamente conservadora, centro intelectual da Reacção portuguesa, Cardoso Pires descreve-a indirectamente, por aquilo que profundamente a caracteriza.

Note-se que o autor de *Dinossaurus* escreveu este livro em pleno consulado caetanista, tendo sido publicado em pleno Fascismo. Daqui a circunstância de ter tido de usar referências indirectas, metafóricas e alegóricas, que, se estranhas a um público estrangeiro, eram perfeitamente claras para o leitor de Portugal ou do Brasil, mais propriamente: o mundo da cultura portuguesa. Pretendendo que está a contar uma história à filha, Rita, diz-lhe: "Diamantes vêm de Angola, parece; da América ouro e guerras. Terras há que dão o vinho, outras pedras e emigrantes. A cidade para onde se dirigiam os três camponeses produzia doutores".

Sublinhemos esta palavra - doutores, cuja abreviatura é Dr. Cardosos Pires vai designá-los pejorativamente por "dê-eres" (transcrição fonética em português das duas consoantes que formam a abreviatura). Retratará-os como a camada de privilegiados que são, cheios de uma

cultura vazia, constituída por um amontoado de palavras sem sentido que eles repetem como ecos dos Mestres, figuras de retórica, palavras e mais palavras de que se vão servir para enganar, prosperar, iludir, e promoverem-se na vida, explorando o povo trabalhador. Cardoso Pires, para caricaturar Coimbra e o seu ensino, não precisa, mais uma vez, de inventar seja o que for. Basta reproduzir o real já de si também de pura farsa. O subcapítulo "Na cidade dos doutores" não tem, deste modo, senão elementos rigorosamente objectivos de descrição.

Coimbra, cidade medieval, vive de instituições e rituais que não se modificaram em centenas e centenas de anos. Os estudantes vestem-se de negro, com longas capas também negras a rasar o chão (as "batinas"), e estudam não por livros mas por cópias dactilografadas das aulas dos Mestres, em que o que se pretende é que o aluno repita exactamente o que foi dito na aula. Estas cópias em pouco ou nada se modificam durante gerações. São constituídas por reproduções em páginas que andam de mão em mão, até se tornarem sujas, gordurosas, cheias de manchas das mais variadas proveniências. Daqui o nome de "sebentas" que se lhes dá, e, em português, "sebento" significa uma coisa muitíssima porca, carregada de sujidade.

Qualquer jovem chegado à cidade para estudar é rodeado imediatamente de uma legião de pequenos negociantes que pretendem vender ao futuro doutor tudo o que este necessita, e, desde logo passa a ser tratado por doutor, excelência. Observe-se que estamos no país em que todos os "importantes" se tratam mutuamente por excelências, em que os hu-

mildes ou explorados se dirigem aos de nível económico e social superior por Vossa Excelência. São vulgares os Excelentíssimos. Assim o Dinossaurus terá que ser, obviamente, Excelentíssimo.

A cidade está saturada de padres. A cultura eclesiástica prevaleceu, aliás, durante séculos, em Coimbra. Não é de estranhar que Cardoso Pires pretenda estabelecer paralelos entre o estudante e o padre. Daqui chegar à designação de "Cristo Doutor" que atribui ao futuro "Messias". As regras de comportamento estão consignadas num corpo não escrito de doutrina que se chama de Praxe. É, por exemplo, da Praxe que um estudante novato, aluno do primeiro ano, tenha que se submeter à cerimónia de lhe raparem o cabelo. Ficará, além disso, durante um ano ao serviço permanente de um estudante mais velho, que o tratará como criado, e fará por o humilhar, o mais que puder. A Praxe estabelece, ainda, um grito académico como distintivo da Universidade: F-R-A; F-R-E; F-R-I, etc. que neste livro aparece reproduzido segundo os sons que a língua portuguesa atribui foneticamente às respectivas vogais e consoantes. A ligação destas ao som que produzem não tem qualquer significado. Não é uma palavra de ordem, nem nada de parecido. Apenas uma insígnia sonora.

Pois é desta Universidade, de rituais da Idade-Média e de preservação do saber escolástico, fósil do Passado, que vai sair Salazar (já Mestre e grande técnico do ditado de palavras vazias para novas sebentas), para governar Portugal e institucionalizar o Fascismo ■

(continua)

